

*por uma Igreja com rosto amazônico,
pobre e servidora, profética e samaritana*



Pacto das Catacumbas pela Casa Comum

Nunca faltou na Igreja, não obstante a sua estrutura hierarquizada e assente sobre a categoria do “poder sagrado” (*sacra potestas*), a presença constante do carisma. Este contrabalança o poder necessário para ordenar a comunidade eclesial, trazendo-lhe inovações que nascem da força do Espírito Santo e do Ressuscitado, e que penetram a Igreja e o mundo. Estas inovações conferem permanente atualidade à mensagem de Jesus, o Nazareno, trabalhador, camponês mediterrânico, que veio para nos ensinar a viver os bens que são o conteúdo da sua mensagem do Reino de Deus: o amor incondicional, a misericórdia, a solidariedade, a plena irmandade e, especialmente, a abertura confiada no Deus que é Pai com características de Mãe. Uma vez mais, bispos da América e do Caribe, juntamente com outros que com eles se associaram, foram às Catacumbas de Santa Domitila, onde se viveu um Cristianismo martirial, humilde, igualitário, jovial mesmo, dentro de uma situação de perseguição. Essa Igreja das Catacumbas é sempre visitada por milhares de cristãos que lá vão alimentar a sua fé e inspirar-se, para assim viverem o sonho irremovível de Jesus, crucificado e, agora, ressuscitado entre nós. Ele é a esperança duma vida plenamente humana, já neste mundo, e duma vida eterna, no novo mundo, no coração do Deus Trindade. No final do Concílio Vaticano II (1962-1965), muitos bispos do mundo inteiro inauguraram o compromisso de uma igreja pobre, servidora e profética. Agora, em 2019, renova-se esse gesto profético e messiânico de uma “Igreja com rosto amazónico, pobre, servidora, profética e samaritana”. É a partir de gestos assim, simbólicos e sacramentais, que se consolida um caminho novo da Igreja no nosso Continente no meio da Amazônia, o filtro do mundo e a reserva de vida para a nossa e para todas as futuras gerações, privilegiando os povos indígenas que, no que respeita ao cuidado para com a floresta, são nossos mestres e doutores, como na Igreja dos primórdios se dizia dos pobres. Todos estes que fizeram este Pacto das Catacumbas pela Casa Comum, surgem como nossos Padres e Madres, com o mesmo valor e dignidade daqueles Padres e Madres da Igreja dos primeiros séculos, que souberam conservar, e nos entregam hoje em dia, o legado de Cristo e do seu Espírito. *L.Boff*

Pacto das Catacumbas pela Casa Comum

POR UMA IGREJA COM ROSTO AMAZÓNICO, POBRE E SERVIDORA, PROFÉTICA E SAMARITANA

Nós, participantes do Sínodo Pan-amazónico, partilhamos a alegria de habitar no meio de numerosos povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, migrantes, comunidades da periferia das cidades desse imenso território do Planeta. Com eles temos experimentado a força do Evangelho que atua nos mais pequenos. O encontro com estes povos interpela-nos e convida-nos a uma vida mais simples, de partilha e gratuidade. Marcados pela escuta dos seus clamores e lágrimas, acolhemos, de coração aberto, as palavras do papa Francisco: “Muitos irmãos e irmãs da Amazônia carregam cruces pesadas, e aguardam pela consolação libertadora do Evangelho, pela carícia de amor da Igreja.

Por eles, com eles, caminhemos juntos”.



Evocamos, com gratidão, aqueles bispos que, nas Catacumbas de Santa Domitila, no final do Concílio Vaticano II, firmaram o Pacto por uma Igreja servidora e pobre. Recordamos, com veneração, todos os mártires membros das comunidades eclesiais de base, de pastorais e movimentos populares; lideranças indígenas,

missionárias e missionários, leigos e leigas, padres e bispos, que derramaram o seu sangue, por causa desta opção pelos pobres, por defenderem a vida e lutarem pela salvaguarda da nossa Casa Comum. À gratidão pelo seu heroísmo, unimos a nossa decisão de continuar esta sua luta com firmeza e coragem. É um sentimento de urgência que se impõe, face às agressões que hoje devastam o território amazónico, ameaçado pela violência de um sistema económico predatório e consumista.

Diante da Trindade Santa, das nossas Igrejas particulares, das Igrejas da América Latina e do Caribe e daquelas que nos são solidárias na África, Ásia, Oceânia, Europa e no norte do continente americano, aos pés dos apóstolos Pedro e Paulo e da multidão dos mártires de Roma, da

América Latina e, em especial, da nossa Amazônia, em profunda comunhão com o sucessor de Pedro, invocamos o Espírito Santo, e comprometemo-nos, pessoal e comunitariamente, com o que se segue:

▪ **Assumir, diante da extrema ameaça do aquecimento global** e da exaustão dos recursos naturais, o compromisso de defender nos nossos territórios, e com as nossas atitudes, a floresta amazônica, mantendo-a de pé. Dela provêm as dádivas das águas para grande parte do território sul-americano, a contribuição para o ciclo do carbono e regulação do clima global, uma incalculável biodiversidade, e uma rica sociodiversidade para a humanidade e a Terra inteira.

▪ **Reconhecer que não somos donos da mãe terra**, mas seus filhos e filhas, formados do pó da terra (Gn 2, 7-8), hóspedes e peregrinos (1 Pd 1, 17b e 1 Pd 2, 11), chamados a ser seus zelosos cuidadores e cuidadoras (Gn 1, 26). Para tal, comprometemo-nos a cultivar uma ecologia integral, na qual tudo está interligado, o género humano e toda a criação, porque todos os seres são filhas e filhos da terra e sobre eles paira o Espírito de Deus (Gn 1, 2).

▪ **Acolher e renovar, cada dia, a aliança de Deus com toda a criação:** “Pela minha parte, vou estabelecer a minha aliança convosco e com a vossa descendência, com todos os seres vivos que estão convosco, aves, animais domésticos e selvagens, enfim, com todos os animais da terra que convosco saíram da arca (Gn 9, 9-10 e Gn 9, 12-17).

▪ **Renovar nas nossas igrejas a opção preferencial pelos pobres**, em especial pelos povos indígenas, e juntamente com eles, garantir o direito de se tornarem protagonistas na sociedade e na Igreja. Ajudá-los a preservar

as suas terras, culturas, línguas, histórias, identidades e espiritualidades. Crescer na consciência de que estas devem ser respeitadas, local e globalmente e, conseqüentemente, fazer, por todos os meios ao nosso alcance, com que elas sejam acolhidas em pé de igualdade no concerto mundial dos demais povos e culturas.

▪ **Abandonar, como consequência, nas nossas paróquias, dioceses e grupos, toda a espécie de mentalidade e postura colonialista**, acolhendo e valorizando a diversidade cultural, étnica e linguística, num diálogo respeitador de todas as tradições espirituais.

▪ **Denunciar todas as formas de violência e agressão à autonomia e direitos dos povos indígenas**, à sua identidade, aos seus territórios e às suas formas de vida.

▪ **Anunciar a novidade libertadora**

do Evangelho de Jesus Cristo, no acolhimento ao outro e ao diferente, como sucedeu com Pedro na casa de Cornélio: “Vós bem sabeis que a um judeu é proibido relacionar-se ou entrar em casa de alguém de outra raça. Ora, Deus mostrou-me que nenhuma pessoa deve ser dita vulgar ou impura” (At 10, 28).

▪ **Progredir, ecumenicamente, com outras comunidades cristãs, no anúncio inculturado e libertador do Evangelho**, e com as outras religiões e pessoas de boa vontade, na solidariedade com os povos indígenas, com os pobres e pequenos, na defesa dos seus direitos e na preservação da Casa Comum

▪ **Instaurar, nas nossas igrejas particulares, um estilo de vida sinodal**, onde representantes dos povos indígenas, missionários e missionárias, leigos e leigas, em razão do seu batismo, e em comunhão com os seus pastores, tenham voz e voto nas assembleias diocesanas, nos conselhos pastorais e paroquiais, enfim, em tudo que lhes compete no governo das comunidades.

▪ **Empenhar-nos no urgente reconhecimento dos ministérios eclesiais** já existentes nas comunidades, exercidos por agentes de pastoral, catequistas indígenas, ministras e ministros da Palavra, valorizando, em especial, o seu cuidado em relação aos mais vulneráveis e excluídos.

▪ **Tornar efetiva, nas comunidades a nós confiadas, a passagem de uma pastoral de visita para uma pastoral de presença**, assegurando que o direito à Mesa da Palavra e à Mesa da Eucaristia se torne efetivo em todas as comunidades.

▪ **Reconhecer os serviços e a real**

diaconia do grande número de mulheres que hoje estão à frente de comunidades na Amazônia, e procurar consolidá-los, com um ministério adequado de mulheres dirigentes de comunidade.

▪ **Buscar novos caminhos de ação pastoral nas cidades** onde atuamos, com protagonismo de leigos e jovens, com atenção às suas periferias e aos migrantes, aos trabalhadores e aos desempregados, aos estudantes, educadores, investigadores e ao mundo da cultura e da comunicação.

▪ **Assumir, perante a avalanche do consumismo, um estilo de vida alegremente sóbrio, simples e solidário com os que pouco ou nada tem;** reduzir a produção de lixo e o uso de plásticos, favorecer a produção e comercialização de produtos agroecológicos, utilizar, sempre que possível, o transporte público.

▪ **Colocar-nos ao lado dos que são perseguidos, através do profético serviço de denúncia e reparação de injustiças**, de defesa da terra e dos direitos dos mais pequenos, de acolhimento e apoio aos migrantes e refugiados. Cultivar verdadeiras amizades com os pobres, visitar as pessoas mais simples e os enfermos, exercitando o ministério da escuta, da consolação e do apoio, que trazem alento e renovam a esperança.

Conscientes das nossas fragilidades, da nossa pobreza e pequenez, diante de tão grandes e graves desafios, confiamos-nos à oração da Igreja. Que, sobretudo, as nossas Comunidades Eclesiais nos socorram com a sua intercessão, afeto no Senhor e, sempre que necessário, com a caridade da correção fraterna.

Acolhemos, de coração aberto, o convite do cardeal Cláudio Hummes para nos deixarmos guiar pelo Espírito Santo, nestes dias em que decorre o Sínodo e no retorno às nossas igrejas:



“Deixem-se envolver no manto da Mãe de Deus e Rainha da Amazônia. Não deixemos que nos vença a autorreferencialidade, mas sim a misericórdia diante do grito dos pobres e da terra. Será necessária muita oração, meditação e discernimento, além de uma prática concreta de comunhão eclesial e espírito sinodal. Este

sínodo é como uma mesa que Deus preparou para os seus pobres, e onde nos pede que sejamos nós a servir à mesa”.

Celebramos esta Eucaristia do Pacto como “um ato de amor cósmico. “Sim, cósmico! Porque mesmo quando tem lugar no pequeno altar duma igreja de aldeia, a Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo”. A Eucaristia une o céu e a terra, abraça e penetra toda a criação. O mundo saído das mãos de Deus, volta para Ele em feliz e plena adoração: no Pão Eucarístico “a criação propende para a divinização, para as santas núpcias, para a unificação com o próprio Criador”. “Por isso, a Eucaristia é, também, fonte de luz e motivação para as nossas preocupações pelo meio ambiente, e leva-nos a ser guardiões da criação inteira”.

**Catacumbas de Santa Domitila
Roma, 20 de outubro de 2019**

túmulos sem nome

Multidão anónima e desfigurada, adormecida em sono eterno, a alguns palmos abaixo do solo. Dispersa por todo o mundo, nos cemitérios que se converteram em campos abandonados e esquecidos. Alguns deles foram, até mesmo, transformados em pontos turísticos: o turismo da barbárie humana, campos onde as cruzes parecem organizadas para o total anonimato. Contam-se aos milhões os filhos da guerra, dos massacres, dos genocídios, da “limpeza étnica”. Filhos dos holocaustos, de Auschwitz e de Gulag, de experiências dos seus semelhantes. Filhos do fundamentalismo, do fanatismo e do totalitarismo, seja este de carácter político, ideológico ou religioso. Filhos das tensões, dos conflitos e da violência; filhos da pobreza, da miséria e da fome. Filhos da migração forçada que separa os que ficam dos que partem para o desconhecido. Filhos de tantos sepultados vivos nas águas do mar, no escuro da floresta ou nas areias do deserto. Para sempre deixados sós, no silêncio da morte. Pior ainda, no mutismo do medo, da discriminação, do preconceito, da xenofobia e da indiferença.

Em vez do nome completo numa placa, o número de série de mais um entre os “desaparecidos”. Em vez de uma foto, lama e sujidade que vão cobrindo tudo ao redor. Em vez de um aceno à família e aos ancestrais, o vazio de um ausente que, para sempre, deixou a casa e a terra natal. Em vez de flores, ervas daninhas que crescem por toda a parte. Em vez de uma ou outra visita, a presença furtiva e noturna dos ratos, dos gatos e dos cães. Em vez de um símbolo religioso, um céu longínquo por teto e, por leito de morte, a terra húmida e escura. Em vez de um qualquer ornamento, a pedra nua e fria da tumba. Em vez do pranto ou

da lágrima de um ente querido, a chuva que, indiscretamente, tudo penetra e tudo devasta. Antes, porém, algumas e breves notícias nos jornais, com as suas manchetes sensacionalistas – espetaculares e espetacularizadas! Número de vítimas, naufragos ou desaparecidos. Número de mulheres e crianças não acompanhadas. Informações reduzidas sobre o lugar de origem e de destino, as principais motivações da travessia, os possíveis culpados da tragédia, os discursos das autoridades de plantão, a presença invisível (mas sempre assustadora e spectral) dos traficantes de seres humanos, os voluntários atarefados, a população ao mesmo tempo compadecida e em pânico. E é possível ver as imagens dos caixões enfileirados, dos sobreviventes perdidos e perplexos, de algum religioso paramentado para uma cerimónia

fúnebre, dos soldados e forças da ordem em passo de marcha, como a marcar os passos macabros da morte.

Longe, muito longe, restaram as cinzas, as ruínas ou os escombros de um pobre casebre abandonado; de uma aldeia saqueada, varrida e dizimada pelo terror; dos mortos e feridos espalhados em todas as direções... A ameaça do retorno e a fuga em massa! Quem sabe possa ser outro o cenário: o deserto ardente de um solo estéril, batido pelo vento e pelo sol de uma estiagem prolongada e implacável – seco e infecundo como a própria decrepitude. Ou ainda uma terceira cena: a borrasca torrencial, a terra lavada, enlameada e devastada pela tempestade, a inundação, as águas turvas e torvas que tudo invadem e tudo destroem; as planta es arrasadas, os “bichinhos” mortos ou levados pela corrente, desaparecidos... Tentar outro recomeço? Não, desta vez será impossível levantar-se do chão! Resta a fuga!

E a família, os parentes, os amigos, os conhecidos? Separados, divididos para sempre, trilhando múltiplos caminhos, cada um seguindo o seu próprio instinto de sobrevivência, em diferentes horizontes de esperança. O leque de escolhas abre-se, as vias afastam-se umas das outras, irremediavelmente. Permanecem, mesmo isolados, os sonhos, as lutas, a teimosia e a resistência. Mas, pouco a pouco, os sonhos vão-

se convertendo em pesadelos. Poucos reencontros entre os familiares, um ou outro telefonema, escassez regressiva de informa es, até a perda total de qualquer contato. E então, chega o mar, a presença de outros fugitivos, os traficantes que “vendem” a passagem... Depois, num determinado dia, pode ser que circule a notícia de um certo “naufrágio” (um entre tantos outros!) e de um final trágico... Ao menos assim, “a vítima, o naufrago ou o desaparecido” pode ter, enfim, o consolo de uma lágrima, uma ao menos!

Pe. ALFREDO J. GONÇALVES,
presbítero, assessor das
Pastorais Sociais.

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/580738-tumulos-sem-nome>



Túmulos sem nome

fuga em massa", escreve o Pe. Alfredo J. Gonçalves, presbítero, assessor das Pastorais Sociais.

Multidão anónima e desfigurada, adormecida em sono eterno, a alguns palmos abaixo do solo. Dispersa por todo o mundo, nos cemitérios que se converteram em campos abandonados e esquecidos. Alguns deles foram, até mesmo, transformados em pontos turísticos: o turismo da barbárie humana, campos onde as cruces parecem organizadas para o total anonimato. Contam-se aos milhões os filhos da guerra, dos massacres, dos genocídios, da "limpeza étnica". Filhos dos holocaustos, de Auschwitz e de Gulag, de experiências dos seus semelhantes. Filhos do fundamentalismo, do fanatismo e do totalitarismo, seja este de carácter político, ideológico ou religioso. Filhos das tensões, dos conflitos e da violência; filhos da pobreza, da miséria e da fome. Filhos da migração forçada que separa os que ficam dos que partem para o desconhecido. Filhos de tantos sepultados vivos nas águas do mar, no escuro da floresta ou nas areias do deserto. Para sempre deixados sós, no silêncio da morte. Pior ainda, no mutismo do medo, da discriminação, do preconceito, da xenofobia e da indiferença.

Em vez do nome completo numa placa, o número de série de mais um entre os "desaparecidos". Em vez de uma foto, lama e sujidade que vão cobrindo tudo ao redor. Em vez de um aceno à família e aos ancestrais, o vazio de um ausente que, para sempre, deixou a casa e a terra natal. Em vez de flores, ervas daninhas que crescem por toda a parte. Em vez de uma ou outra visita, a presença furtiva e noturna dos ratos, dos gatos e dos cães. Em vez de um símbolo religioso, um céu longínquo por teto e, por leito de morte, a terra húmida e escura. Em vez de um qualquer ornamento, a pedra nua e fria da tumba. Em vez do pranto ou da lágrima de um ente querido, a chuva que, indiscretamente, tudo penetra e tudo devasta.

Antes, porém, algumas e breves notícias nos jornais, com as suas manchetes sensacionalistas – espetaculares e espetacularizadas! Número de vítimas, naufragos ou desaparecidos. Número de mulheres e crianças não acompanhadas. Informações reduzidas sobre o lugar de origem e de destino, as principais motivações da travessia, os possíveis culpados da tragédia, os discursos das autoridades de plantão, a presença invisível (mas sempre assustadora e espectral) dos traficantes de seres humanos, os voluntários atarefados, a população ao mesmo tempo compadecida e em pânico. E é possível ver as imagens dos caixões enfileirados, dos sobreviventes perdidos e perplexos, de algum religioso paramentado para uma cerimónia fúnebre, dos soldados e forças da ordem em passo de marcha, como a marcar os passos macabros da morte.

Longe, muito longe, restaram as cinzas, as ruínas ou os escombros de um

pobre casebre abandonado; de uma aldeia saqueada, varrida e dizimada pelo terror; dos mortos e feridos espalhados em todas as direções... A ameaça do retorno e a fuga em massa! Quem sabe possa ser outro o cenário: o deserto ardente de um solo estéril, batido pelo vento e pelo sol de uma estiagem prolongada e implacável – seco e infecundo como a própria decrepitude. Ou ainda uma terceira cena: a borrasca torrencial, a terra lavada, enlameada e devastada pela tempestade, a inundação, as águas turvas e torvas que tudo invadem e tudo destroem; as plantações arrasadas, os “bichinhos” mortos ou levados pela corrente, desaparecidos... Tentar outro recomeço? Não, desta vez será impossível levantar-se do chão! Resta a fuga!

E a família, os parentes, os amigos, os conhecidos? Separados, divididos para sempre, trilhando múltiplos caminhos, cada um seguindo o seu próprio instinto de sobrevivência, em diferentes horizontes de esperança. O leque de escolhas abre-se, as vias afastam-se umas das outras, irremediavelmente. Permanecem, mesmo isolados, os sonhos, as lutas, a teimosia e a resistência. Mas, pouco a pouco, os sonhos vão-se convertendo em pesadelos. Poucos reencontros entre os familiares, um ou outro telefonema, escassez regressiva de informações, até à perda total de qualquer contato. E então, chega o mar, a presença de outros fugitivos, os traficantes que “vendem” a passagem... Depois, num determinado dia, pode ser que circule a notícia de um certo “naufrágio” (um entre tantos outros!) e de um final trágico... Ao menos assim, “a vítima, o naufrago ou o desaparecido” pode ter, enfim, o consolo de uma lágrima, uma ao menos!